

**Crime.** O Governo desconhece quantas mulheres em Portugal são vítimas de tráfico para fins sexuais. Autoridades centram agora a atenção nas nigerianas que se escondem no silêncio com receio das ameaças de bruxaria dos proxenetas

# Tráfico de pessoas está fora de controlo

**Números oficiais podem ser a ponta do 'iceberg'**

FRANCISCO MANGAS e LICÍNIO LIMA

Ninguém sabe quantas pessoas em Portugal são vítimas de tráfico para exploração sexual. O Governo admite a "opacidade" do fenómeno, e as autoridades centram a atenção nas mulheres nigerianas que evitam falar com a polícia com medo de bruxarias feitas pelos traficantes contra si e suas famílias. Os estudiosos temem que os números conhecidos através das polícias signifiquem apenas a ponta de um enorme iceberg.

"Não há números sobre o tráfico de seres humanos em Portugal, pelo que será criado brevemente um observatório para a identificação desta realidade", explicou ontem Jorge Lacão, secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros. Estas declarações foram proferidas na abertura de um encontro da União Europeia (UE) que reúne até hoje, no Porto, peritos internacionais em tráfico de seres humanos e género.

Foi neste contexto que o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra apresentou o primeiro estudo feito em Portugal sobre tráfico de mulheres para fins de exploração sexual. Os investigadores, coordenados por Boaventura Sousa Santos, concluíram que "se trata de um fenómeno

no pouco estudado, envolto em opacidade". Segundo Conceição Gomes, co-autora e responsável pela apresentação, "falta saber se esta criminalidade conhecida representa apenas a ponta do iceberg, e se todos os casos referenciados pelas autoridades são todos os casos". Segundo afirmou, "as

**É um fenómeno pouco estudado em Portugal**

várias autoridades têm percepções distintas sobre as cifras negras".

Os números, de facto, são pouco expressivos, e de acordo com o relatório da segurança interna de 2006, o número de investigações têm vindo a

diminuir. Em 2005 a Polícia Judiciária investigou 34 casos, e apenas 31 o ano passado. Entre 2000 e 2004, foram abertos 125 processos crime de lenocínio e tráfico de pessoas. Mas, perguntam os autores do estudo: "É um fenómeno pouco expressivo ou são elevadas as cifras negras?"

O Governo admite desconhecer a realidade e, neste sentido, já anunciou a criação de um observatório para monitorizar este tipo de criminalidade. Esta iniciativa surge no âmbito do Plano Nacional Contra o Tráfico de Seres Humanos, aprovado em Conselho de Ministros a 6 de Junho, o qual prevê também a criação de programas especiais de segurança às potenciais testemunhas e seus familiares.

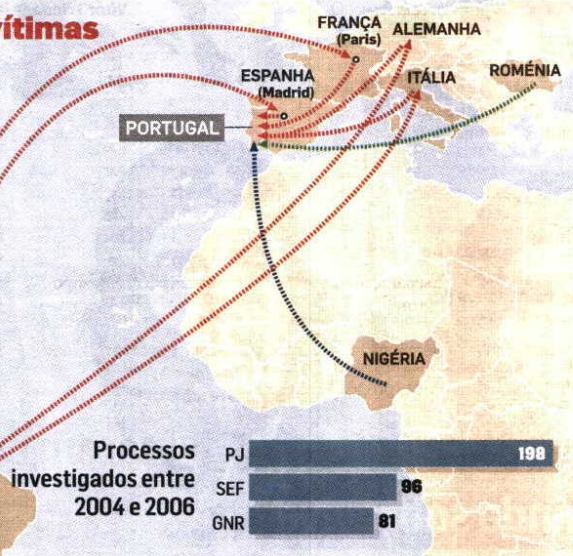
Esta preocupação em proteger as testemunhas tem a ver com o facto de ser muito difícil às polícias conseguir a colaboração das vítimas. O medo das represálias leva muitas mulheres a esconderem-se no silêncio. E se as de Leste e do Brasil, representando estas a maioria, começam a denunciar muitas situações de autêntica escravatura, outras há que preferem manter o sofrimento.

Ente estas contam-se as mulheres nigerianas, que recentemente começaram a engrossar as fileiras da prostituição em Portugal, nomeadamente no Algarve. De acordo com fontes policiais, a maioria tem medo que os proxenetas que as trouxeram para Portugal lhes faça alguma bruxaria, atingindo também as suas famílias.

Segundo o Plano Nacional Contra o Tráfico de Seres Humanos, este crime tem "um impacto económico comparável com o tráfico de armas e de droga", gerando por ano "cerca de 9,5 mil milhões de dólares" (cerca de 6,8 mil milhões de euros).

## Proveniência das vítimas

Nigéria é o novo local de eleição para as redes de angariação e tráfico de mulheres para prostituição. Do Leste europeu, chegam sobretudo romenas. Ainda assim, a maioria continua a chegar da América do Sul, principalmente do Brasil, fazendo a entrada por outros países europeus. Madrid, Paris e algumas cidades alemãs e italianas são as portas de entrada mais comuns. O perfil destas mulheres está traçado: vêm de ambientes sociais fragilizados, muitas têm filhos, algumas são menores, e nenhuma tem mais de 35 anos.



## MULHERES VÍTIMAS

Cento e vinte sete países foram identificados como países de origem das vítimas do tráfico, nomeadamente na Ásia e na Europa do Leste, e 137 como países de destino, onde constam a União Europeia, a América do Norte, países do Golfo, Israel, Turquia, China e Japão, segundo um estudo do Departamento das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (ONUDD). As mulheres aparecem em 77% dos processos de tráfico, as crianças em 33% e os ho-

As mulheres e as crianças são as primeiras vítimas do tráfico de seres humanos no mundo, segundo as Nações Unidas

mens em 9%. A exploração sexual é referida em 87% dos casos, contra 28% para outras formas de trabalho forçado. O ONUDD, que baseou o estudo apenas em fontes públicas, sobretudo governamentais, salienta a reserva de alguns países em colaborar com dados fiáveis. "Os esforços para combater o tráfico defrontam-se com uma grande falta de dados precisos que reflecte a recusa de alguns países em reconhecer que são parte do fenómeno."

## "Uma rapariga pode ser vendida mais

**Escalada.** Britânicos dizem que tráfico aumentou massivamente nos últimos nove anos

São duas irmãs moldavas. Uma apaixonou-se por um rapaz que emigra e a manda buscar por um amigo. A irmã resolve ir com ela. A meio da viagem, vêem o amigo do namorado deitá-lhes fora a bagagem. Quando protestam, são ameaçadas. Chegadas ao destino, vêem o homem que as transportava receber um maço de notas – por elas. A seguir, dizem-lhes, depois da violação ritual, como vai ser. Ao longo

de meses, são prostituídas em vários países da UE, vendidas e revendidas. A história, ficcionada numa série de TV de 2004 que passou no canal 2 da RTP, é apenas a repetição de mil relatos iguais de um fenómeno que também em Portugal já deu origem a um filme, *Transe*, de Teresa Villaverde, e que tem provavelmente o seu mais pungente retrato cinematográfico em *Lilja 4-ever* (2002), sobre uma russa de 17 anos traficada para a Suécia que é usada por centenas de vulgares pais de família até conseguir fugir – e atirar-se de uma ponte.

"Ao contrário do tráfico de droga, este apresenta, além do lucro elevado, um risco diminuto. Uma rapariga pode ser vendida dez vezes". É a directo-

**"Temos de perguntar: quem usa estas mulheres?"**

ra de um abrigo para mulheres traficadas na Roménia (como a maioria dos países de Leste uma fonte privilegiada da "matéria prima" para o negó-







Maioria das mulheres acaba a trabalhar em clubes nocturnos

# “Desconhecia que era um crime”

**Caso Passerelle.** Proprietário dos bares diz que as mulheres vinham de livre vontade

O empresário da noite, Vitor Trindade, proprietário da rede de casas de *striptease* Passerelle, admitiu ontem à saída do tribunal de Leiria ter sido “inconscientemente que praticou os crimes de tráfico de pessoas e de auxílio à imigração ilegal”. “Desconhecia”, diz, que “contratar bailarinas para actuar em Portugal era crime”.

Trindade está igualmente pronunciado, no processo que começou a ser julgado ontem em Leiria, pelos crimes de associação criminosa e fraude fiscal, tal como acontece com o seu sócio, um ex-agente da PSP, Alfredo Moraes. Além destes dois, há mais 22 arguidos, sendo que alguns deles representam empresas. Ao todo, respondem por cerca de 1200 crimes.

O processo foi espoletado pela queixa, à Polícia Judiciária (PJ), de uma mulher ligada a uma casa do género existente em Leiria. A investigação do caso deu origem a uma operação policial de código “Yankee”, em Janeiro de 2006. Foram detidos oito indivíduos, entre eles os dois principais suspeitos, Vitor Trindade e um dos seus sócios, ex-agente da PSP.

Duas mulheres fazem parte do colectivo de juizes. Patricia Costa, presidente; e Ana Luisa Bernardes, uma das “asas”, a par do juiz Correia Pinto. O procurador é Albano Pinto, que já esteve ligado à PJ, que se colocou em evidência numa discussão com o advogado Melo Alves, que representa Alfredo Moraes, porque os arguidos querem que os crimes de fraude fiscal sejam julgados à parte e num tribunal de Lisboa. Mas o procurador defende que todos os crimes estão em conexão, sobretudo os que dizem respeito ao tráfico de pessoas e o de associação criminosa, e não aceita a separação de processos. A defesa dos arguidos argumenta que devem ser julgados na área em que aqueles desempenham a sua actividade e essa “nunca teve qualquer ligação a Leiria”. A este propósito,



Vitor Trindade (à esquerda) é acusado de 224 crimes

to, Melo Alves ironizou ao afirmar que “este processo deve ter mel”. Porém, quando questionado sobre o sentido da frase, escusou-se a explicar.

Já o proprietário das Passerelle foi claro ao queixar-se da forma como tem decorrido o processo. “Acho que estou condenado antes de ser julgado”, disse à saída da audiência, lamentando estar detido há 21 meses. No entanto, apenas uma parte do tempo esteve, tal como Alfredo Moraes, na cadeia, já que, desde Abril passado, ambos se encontram em prisão domiciliária. Os outros dois arguidos, os irmãos Paulo e Rui Baptista, tidos como

muito próximos de Moraes, aguardam julgamento em liberdade.

Após o pedido feito ontem por dez arguidos para prescindirem do direito de assistir às audiências, só estes quatro estarão presentes em todas as sessões. São eles que constituem o núcleo duro do processo, uma vez que, segundo os advogados, as provas contra os restantes são “reduzidas” contra os que pediram dispensa. Os presumíveis responsáveis “recrutavam” mulheres no Brasil e noutros países da latino-americanos, em África e no leste europeu. O julgamento prossegue quarta-feira. ■ JACINTA ROMÃO

## Lucros de milhões escaparam ao fisco

### Arguidos

Vitor Trindade, 56 anos, é o principal arguido neste processo, conhecido por *Passerelle*. É dono de uma cadeia de bares de *striptease*, estimando-se que o seu património esteja avaliado em cerca de 18,5 milhões de euros. No total são 15 arguidos, com vários níveis de intervenção no grupo, e nove empresas que também se encontram com aquele estatuto processual.

### Lucros

De acordo com o Ministério Público, a estrutura que geria o funcionamento dos bares de *striptease* e das empresas ligadas ao universo *Passerelle*, era uma máquina bem oleada que visava a máxima rentabilização da circulação das mulheres ilegais e dos lucros obtidos pelos serviços que prestavam. Entre Janeiro e Dezembro de 2005, nos *Passerelle* 1,3,4 e 5, e no *Photus*, o lucro obtido ascendeu aos 2 855 734,00 euros.

### Mulheres

A maioria das mulheres era oriunda do Brasil, mas havia de outras nacionalidades, nomeadamente do Senegal, Venezuela, Eslováquia, Roménia, Letónia. Chegavam com o visto de turista e entregavam o passaporte ao grupo. Normalmente, passavam 45 dias em cada estabelecimento, rodando depois, sucessivamente, pelos demais. O sistema de rotatividade era assegurado por Vitor Trindade e Alfredo Moraes. 35 euros era quanto recebia, em regra, cada mulher, por noite, acrescidos de 50% do valor do acto que praticassem. Os angariadores recebiam 26 euros pela vinda de cada mulher e entre 900 e 1500 euros pela permanência de cada uma no negócio.

### Plano

Segundo o Ministério Público, Vitor Trindade e Alfredo Moraes definiram um plano de enriquecimento que envolvia o

aproveitamento e a exploração das imigrantes que faziam entrar no País através dos estabelecimentos e empresas que ambos possuíam, ou das que viessem a adquirir.

### Rede

A dimensão que o negócio foi atingindo obrigou Vitor Trindade e Alfredo Moraes a recorrerem à ajuda de terceiros, a quem pagavam em dinheiro ou com quotas nas sociedades. Por cada mulher colocada, o grupo cobrava uma quantia em dinheiro. Por mês, esse valor podia oscilar entre os dois mil e os 7500 euros.

### Fisco

Os lucros obtidos eram distribuídos pelos elementos do grupo, de acordo com a sua contribuição financeira e/ou empenho. Eram também aplicados na aquisição de bens para ocultar a sua origem e, assim, fugirem ao fisco.

## de dez vezes”

cio) que põe as cartas na mesa.

Citada numa reportagem do diário britânico *The Independent*, Iana Matei garante que entre as mais 127 vítimas que acolheu havia meninas de 12 anos que tinham sido escravas sexuais. “Temos de perguntar: Quem é que usa estas mulheres e raparigas?”.

A questão, colocada pelo director do recentemente criado Centro de Tráfico Humano do Reino Unido, uma unidade policial desenhada para investigar este fenómeno, é a chave de uma realidade que as autoridades e as organizações de direitos humanos ga-

rantem ter sofrido uma escalada massiva nos últimos nove anos, graças à descida do preço das viagens e à crescente procura de serviços sexuais. É que só há tanta oferta – e portanto tanta gente traficada – porque há muita procura. Muitos clientes que não se importam em saber – ou não se ralam, se souberem – que as mulheres e raparigas que usam não estão ali por escolha.

Na última grande operação policial britânica contra este tráfico, foram resgatadas 84 vítimas. Duas eram meninas de 14 anos, grávidas. ■



# Redes de prostituição viram-se para a Nigéria

Com o caso Passerelle em julgamento, ninguém sabe quantas mulheres em Portugal são vítimas de tráfico para exploração sexual. O Governo admite a “opacidade” do fenómeno e as

autoridades centram a atenção nas nigerianas que evitam falar com a polícia com medo de bruxarias feitas pelos traficantes contra si e as suas famílias. Os estudiosos temem que os nú-

**Polícia sem controlo no tráfico de mulheres**

meros conhecidos através das polícias sejam apenas a ponta de um *iceberg*. Jorge Lacão anuncia que será criado um observatório.

**Actual, págs. 2 e 3**